



# PORVIR, TER SIDO E ATUALIDADE:

## A TEMPORALIDADE COMO MARCA FUNDAMENTAL DA POSSIBILIDADE NO HORIZONTE DA PANDEMIA

ANTÔNIO LÚCIO TÚLIO DE OLIVEIRA BARBOSA

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2021.33316>

**RESUMO:** O intuito do presente ensaio é realizar, a partir da descrição fenomenológico-existencial de Martin Heidegger, exposta na obra *Ser e tempo*, uma reflexão sobre o futuro, no horizonte contemporâneo abatido pela pandemia do coronavírus. Acompanhando a perspectiva hermenêutica heideggeriana, pretendemos contemplar a multiplicidade de caminhos existenciais do porvir, marcados pela historicidade do Dasein na linha contínua da temporalidade. Partindo de algumas disposições fundamentais desse modelo filosófico, aprofundaremos junto ao caráter de poder-ser do homem para suas possibilidades mais originárias em cada momento de ser no tempo, a fim de testar a multiplicidade de experiências outras enfrentadas no agora. Retomando o ter sido na temporalidade por diversas matizes culturais e científicas, especialmente no terreno do pensamento ocidental, almejamos evidenciar, ao final, que as possibilidades mais autênticas de ser, no futuro, exigem, de alguma forma, a desobstrução da calcificação de camadas sedimentadas nos discursos impensados do passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger; pandemia; temporalidade.

## TO BE, BEING AND CURRENT: TEMPORALITY AS A FUNDAMENTAL MARK OF POSSIBILITY IN THE HORIZON OF PANDEMIA

**ABSTRACT:** The aim of this essay is based on the existential-phenomenological description of Martin Heidegger exposed in the work *Ser e tempo*, a reflection on the future, in the contemporary horizon hit by the coronavirus pandemic. Following the Heideggerian hermeneutic perspective, we intend to contemplate the multiplicity of existential paths of the future, marked by the historicity of Dasein in the continuous line of temporality. Starting from some fundamental dispositions of this philosophical model, we will delve into the character of man's power-to-be to its most original possibilities in each moment of being in time, in order to test the multiplicity of other experiences faced in the now. Returning to having been in temporality for various cultural and scientific nuances, especially in the field of Western thought, we aim to show, in the end, that the most authentic possibilities of being, in the future, in some way, the unblocking of the calcification of sedimented layers in the discourses thoughtless from the past.

**KEYWORDS:** Heidegger; pandemic; temporality.

\* Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais

## Introdução

Decorridos cerca de dois anos do surgimento do primeiro caso de Covid-19 e também da primeira vítima fatal no Brasil, o país conta, atualmente, com a lastimável marca aproximada de 620.000 mortos, associados a mais de vinte e dois milhões de casos detectados da doença.<sup>2</sup> Diante deste cenário, a proposta deste texto ensinará muito mais que um costumeiro convite à reflexão em perspectiva, sobre as comparações estatísticas e historiográficas, em relação ao antes e o depois do evento pandêmico. Muito antes, a proposta consiste em elucidar o modo como lidamos com as incertezas suscitadas diante da pandemia, ou, aliás, a descrição existencial acerca das transformações radicais de hábitos, costumes, crenças e projetos para os quais imediatamente fomos impelidos a promover diante dessa realidade.

Na verdade, o que exatamente se procura pensar aqui conta, antes de qualquer coisa, com a ótica fenomenológico-existencial, inspirada na obra do filósofo alemão Martin Heidegger. A questão primordial discutida, destarte, acompanha a abertura questionadora para a multiplicidade de caminhos existenciais do porvir no horizonte hermenêutico sob o aspecto da temporalidade. Nesse sentido, no âmbito prospectivo do futuro, muito embora momentaneamente haja espaços que pareçam obscurecidos ou destinos inarredáveis na perspectiva da luta contra o coronavírus e seus efeitos, surgem inovadoramente, como se verá, escapatórias criativas sobre as próprias possibilidades em relação aos modos de ser do homem em sua historicidade.

Os modos de ser do homem, como será percebido na linha fenomenológica de Heidegger, destacam-se primeiramente pela negatividade ou nadidade<sup>3</sup> do nosso exis-

2 Johns Hopkins University: Coronavírus Resource Center. Disponível em: [www.coronavirus.jhu.edu/region/brazil](http://www.coronavirus.jhu.edu/region/brazil) . Acesso em 22 de dez. de 2021.

3 O significado da palavra nadidade para Heidegger consiste exatamente no caráter negativo do homem, o qual, para o filósofo, não tem uma característica natural, substância ou origem que vai ditar o seu modo de ser durante sua existência. Tal significação corresponde mesmo à indeterminação ontológica originária, de acordo com a qual somente sendo o ser-aí conquista suas possibilidades de ser junto ao campo de absorção de sentidos

tir. Como entes lançados abruptamente no mundo e marcados por intencionalidade, somos seres finitos, desprovidos do poder de transferirmos para outrem a responsabilidade de sermos nossa própria existência, em cada momento de ser. Nada obstante, como investigaremos à frente, a estrutura ontológica originária, inerente à historicidade do aí<sup>4</sup> para o homem, caracteriza-se pela dinâmica temporal e circular hermenêutica. Com efeito, uma vez que interpretamos o mundo

“(...) sempre a partir do nosso próprio horizonte, fazendo esta parte do círculo hermenêutico, nada pode ser compreendido de um modo não posicional.” (GADAMER, 2012, p. 126).

De outro lado, a temporalidade para o homem aparece junto à estrutura finita de ser, justamente pelo fato de a nadaidade que o constitui acompanhar sempre a marca indelével da mortalidade.

Logo, para que o mundo apareça para o homem como mundo, indispensável que o ser-aí reconquiste seu caráter temporal, por meio de uma reconstrução da finitude se um ser mortal. (CASANOVA, 2019, p. 127).

Mediante a retomada temporal do homem constituída pelo horizonte da historicidade em seus modos de ser, surge para o instante da atualidade a reconquista do que ficou perdido, impensado ou obscurecido para o ser-aí junto à tradição. Tudo isso nos convida a um reencontro incessante com nós mesmos, a partir de nosso tempo. Passado, presente e futuro unificam-se na linha temporal dos nossos modos de ser, a cada instante, para enlevar as máximas potencialidades de sermos o que podemos ser, antecipando inarredavelmente o nosso projeto existencial do porvir em virtude da própria condição finita de ser.

---

em seu mundo.

4 O termo “aí” guarda a significação imediata com a noção de espaço-temporal, e, por isso, existencial, para o homem na abertura de seu mundo. Na lição de Casanova (2017, p. 113), “ao se encontrar no mundo e ao se deixar imergir em seu espaço existencial, o ser-aí humano entra imediatamente em uma dinâmica de espacialização.” Logo, o que se tem é uma totalidade conformativa de entes em conjunto, que possibilita a orientação do homem em seu espaço existencial de circunvisão, de acordo com a mobilização dada por sentidos num determinado campo referencial.

## A constituição existencial de ser-no-mundo

De acordo com radicalidade da leitura fenomenológico-hermenêutica de Martin Heidegger, constituída em sua obra fundamental, “Ser e tempo”, empreende-se uma autêntica viragem nos passos dados pela filosofia, em pleno século XX, no que particularmente respeita à estruturação da condição existencial do homem como ser-no-mundo. Para descrever o caráter projetado e intencional na abertura no campo existencial, o filósofo cunhou, para o homem, a designação *Dasein*, de acordo com a expressão proveniente da língua alemã, traduzida por alguns autores, mais especificamente como “presença” ou “ser-aí”, terminologia esta que, por questões de adequação e rigidez, será adotada ao longo deste ensaio.<sup>5</sup>

Segundo Jean Grodin, a partir do pensamento de Heidegger, a hermenêutica

“(…) também passará a ter uma função mais fenomenológica, mais ‘destruidora’ no sentido libertador do termo, que decorre de sua mudança de estatuto (…).” (2012, p. 39).

Isto é, para o que interessa neste texto, a busca de uma imersão filosófica radical é colocada em jogo, independente de pressupostos ontológicos preconcebidos para definição do homem, bem assim concernentemente aos demais entes ou objetos com os quais o homem, em seus finitos modos de ser, se articula em sua experiência existencial.

Diante de sua filosofia fenomenológica sem pressupostos, Heidegger pretende suprimir, portanto, toda e qualquer explicação positivada pelas ciências tradicionais, e até então pela filosofia ocidental, cujas categorizações oferecidas estabeleciam uma condição originária destinada a reduzir o homem em seu ser. Ao contrário, tais reduções explicativas do ser humano consistiriam em normatizá-lo e normatizá-lo, conferindo-lhe, a priori, certos elementos essenciais e substanciais, eminentemente ligados à noção determinante de possuidor de meras representações e subjetividades da cons-

5 Segundo o próprio Heidegger explicou, nos Seminários de Zollikon, “a palavra ‘Dasein (ser-aí)’ significa comumente estar presente, existência (...) Em Ser e tempo, o aí [Da] não significa uma definição de lugar para um ente, mas indica a abertura na qual o ente pode estar presente para o homem, inclusive ele mesmo para si (HEIDEGGER, 2009, p. 159).” (Weyh apud Heidegger, 2015, p. 2). Já a tradutora da obra Ser e tempo, da Editora Vozes, Márcia de Sá Cavalcante, opta pela designação “presença” como ideal correspondência da expressão alemã *Dasein*.

ciência, mostrando uma necessidade de algo específico a cada momento de ser.

Em posição similar à filosofia radical heideggeriana, a abertura constituída no pensamento oriental igualmente provoca o diálogo reflexivo de outras formas de pensar diante da concepção filosófica tradicional do ocidente e conquista uma posição primordial no lugar da alteridade hermenêutica, como será analisado brevemente. De toda sorte, para o objetivo que interessa ao presente ensaio, vale notar que, a cada vez, as implicações conquistadas na abertura da existência reintroduzem as possibilidades de ser ao ser-aí humano.

De plano, adiantamos que o ser-aí, em virtude de seu caráter temporal e sua indeterminação ontológica originária, encontra-se, a todo instante, reformulando o passado, atualizando-se no presente, e antecipando o porvir, de acordo com os limites reais emergentes de ser em seu tempo. Em razão desse eterno retorno ao que foi, com vistas à constante atualização temporal na existência, podemos adiantar, desde já, que, ao falarmos do aspecto unitário das ekstases<sup>6</sup> (passado, presente e futuro) resgatamos, ao mesmo tempo, o que podemos chamar de memórias do futuro. Fato é que as narrativas do passado, o ter sido, direcionam a antecipação de sentido do que está prestes a vir (porvir), conduzindo justamente o ser-aí – ante seus modos de ser a cada instante e em virtude de nosso horizonte temporal – à decisão sobre possibilidades de ser que o se é.

Por ora, deixemos, em suspenso, o debate sobre a questão específica das possibilidades que apontam para o futuro em relação à pandemia da Covid-19 e posteriores variantes do vírus, a fim de desdobrar, mais detidamente, o fio condutor do pensamento fenomenológico-existencial de Heidegger. À frente, com maior embasamento filosófico, teremos as condições de perceber as implicações temporais das memórias do futuro, diante das prospecções que podemos resgatar do horizonte contemporâneo da pandemia.

Pois bem, a possibilidade do ser-aí do homem ser o que ele pode de ser, a cada

---

6 Valendo-nos das lições de Robson Reis, destacamos um direcionamento orientador para o significado da heideggeriana da expressão ekstase, partindo sempre da negatividade ontológica do Dasein: “A temporalidade originária não forma uma série, mas sim uma multiplicidade unificada de momentos estruturais que Heidegger denomina ekstases. Estes momentos são identificados por termos tempo-raís usuais (presente, passado e futuro), apesar da advertência em relação ao significado próprio que eles adquirem na temporalidade originária.” (2005, p. 109).

instante, implica primeiramente em apontar à assunção da responsabilidade de ser o que ele é, colocando em jogo seus modos de ser, de acordo com o caráter finito de ser.<sup>7</sup> Nesse sentido, Heidegger pretende mostrar que a constituição de ser um ente na finitude implica, antes de tudo, em não poder transferir para outrem a responsabilidade de ser sua própria existência, de maneira a desonerar-se do peso da dinâmica intencional do existir.

Jogado ou projetado abruptamente no mundo – como normalmente se expressa a filosofia heideggeriana –, o homem expõe-se, de plano, à cotidianidade vigente no mundo fático marcado por tradição histórica sedimentada. O horizonte de sentidos, narrativo e modulador coloca-se disponível ao Dasein, quem, de saída e na maioria das vezes, nele imerge e deixa-se absorver pela manifestação significativa dos entes em sua circunvisão, orientando-se, portanto, pelo campo de sentidos decorrentes da disposição desses entes na totalidade. Determinada historicamente de forma enrijecida, essa atmosfera compõe um horizonte de sentidos determinante para o homem, de maneira normalizante e normatizante, junto às atitudes e tarefas cotidianas mais corriqueiras, antecipando as decisões do porvir, modulando os modos de ser no agora.

Em outros dizeres, o ser-aí impessoal – alienado das suas faculdades existenciais mais profundas, imerso nas urgências, afazeres, rotinas, técnicas, ou mesmo na indecisão, conduzida, no mais das vezes, pelo falatório<sup>8</sup>, lida com o substrato sedimentado de informações não criativas estagnadas hermeneuticamente. Esses campos sedimen-

---

7 Para Heidegger, afirmar que originariamente o ser-aí se constitui em nada significa dizer que o homem somente conquista existencialmente as suas possibilidades, a partir do momento em que ele realiza seus modos de ser a cada momento que se é. Pois justamente pelo de que “(...) o ser-aí é constituído por uma indeterminidade ontológica radical, que ele não tem radicalmente nada para ser, a princípio (...)” (CASANOVA, 2019, p. 71). Demais, imerso na impessoalidade da cotidianidade mediana, ele supõe deter a condição de decidir sobre todas as possibilidades, o que não acontece, por se encontrar imediatamente absorvido na dispersão dos afazeres automatizados dessa impessoalidade em relação aos demais entes em geral. O autor vai explicitar então que, somente por uma retomada mais radical da “voz da consciência”, vem à tona a articulação orientada junto ao modo correto ou incorreto de ação, cuja indicação apresenta o modo do silêncio.

8 Segundo Fabíola Araújo, o conceito de falatório empregado aqui equivale à noção de senso-comum. “À semelhança do senso-comum o falatório dificulta ou mesmo impede o movimento da investigação filosófica. À diferença do senso-comum, o falatório se constitui como fuga à angústia causada pela própria imersão no falatório.”

tados de significâncias encurtam o horizonte hermenêutico do ser-aí e mantêm-no na “interpretidade”<sup>9</sup> da linguagem mediana e no aquiescimento dos conceitos cotidianos, de acordo com essas possibilidades já sidas e positivadas em seu mundo fático impessoal.<sup>10</sup> Ademais, a mobilidade estrutural originária induz o ser-aí para a dinâmica da absorção<sup>11</sup> nesse denominado mundo fático sedimentado, o qual internaliza, de saída e na maioria das vezes, uma notável desconexão do ser-aí humano, em relação àquela responsabilidade de assumir seu caráter mais efetivo de poder-ser e as possibilidades que se é a cada instante. Todas as execuções das tarefas rotineiras são guiadas pelos sentidos fornecidos pelo mundo, de modo a atenuar a responsabilidade

“(…) que todo ser aí precisa ser por si mesmo. Em meio a tal perda, o ser-aí se deixa levar pela ilusão de que sendo, ele não se relaciona com seu ser, de que ele é um ente dotado do modo de ser dos outros entes (…).” (CASANOVA, 2017, p. 228).

Evidentemente, tal experiência nos reconduz, inevitavelmente, ao tema da temporalidade, entendida como determinação fenomenológica que mais apropriadamente se

---

9 Podemos acentuar que a interpretidade compõe a estrutura prévia, visão prévia ou posição prévia do ser-aí, articulada na apropriação da compreensão em um determinado campo significativo de sentidos. Assim, por exemplo, em uma sala de jantar “(…) temos as cadeiras em torno da mesa, a toalha ou os jogos americanos, os pratos, os talheres, os descansos, as posições específicas nas quais a comida é colocada, tanto quanto a posição mesma daqueles que se sentam à mesa, com o pai à cabeceira em uma sociedade de cunho patriarcal ou sem qualquer posição específica em uma mesa redonda. Nada disto aparece aleatoriamente (…).” (CASANOVA, 2017, p. 188).

10 “Partindo de uma lida destrutiva com a tradição, que sempre tem em vista incontornavelmente a percepção da necessidade de reconquistar o caráter temporal e histórico de tais conceitos, a assunção primordial da tradição vem sempre acompanhada de uma confrontação com aquilo mesmo que é suposto pela tradição e que permanece constantemente velado para a tradição.” (CASANOVA, 2019, p. 80).

11 Porquanto o homem encontra-se marcado de início por nenhuma determinação previamente dada, portanto desprovido de natureza ou qualidades específicas, a absorção no mundo fático consiste em uma das consequências dessa posição negativa do ser-aí. Somente sendo, o homem conquista suas possibilidades de ser a partir daquilo que o mundo fornece inicialmente e de acordo com um horizonte histórico sedimentado por tradição. Por isso a absorção constitui o correlato do existir.



coloca em questão no panorama da historicidade, e, de conseguinte, concernentemente àquilo que nos deparamos hoje no horizonte estrutural do porvir na pandemia do coronavírus.

Algumas disposições fundamentais no horizonte da temporalidade

Importa agora perceber que, junto à descrição existencial do ser-aí no seu aí, de início e na maioria das vezes, somos impelidos a tomar decisões afinadas com o cotidiano, capazes de suprimir ou atenuar o peso da existência, de maneira imprópria. Quer isso dizer que a rede referencial circunvisiva determina os significados pela mostraçõ dos entes na cotidianidade, deixando o ser-aí imerso na dinâmica velada por uma espécie de capa de sentidos dos afazeres medianos, induzindo a mantermo-nos sintonizados a verdades dadas e preestabelecidas.

Todavia, apreendemos da narrativa de Ser e tempo disposições fundamentais segundo as quais o ser-aí se depara com a imperiosidade de assumir o caráter seu mais próprio de poder-ser. A angústia, por exemplo, é uma dessas disposições, a partir da qual reconduções a preconceitos herdados articulam a manifestação dos fenômenos originários, de sorte a permitir, pela primeira vez, uma reconquista temporal do Dasein. Em que pese o obscurecimento causado pela dispersão do ser-aí na decadência<sup>12</sup> do mundo circundante, associado à desoneração da responsabilidade de ser na existência, a angústia empreende uma transitividade inversa, promovendo a suspensão de todos os focos de preconceitos enrijecidos. Isso significa que, diante determinação da angústia, experimentamos a paralisação de todos os focos fenomenológicos articulados com os entes em geral, além de testarmos o esvaziamento dos horizontes sentidos medianos na cotidianidade.

Devido exatamente à quebra e supressão desses focos cotidianos, vem à tona uma pausa ou quebra, que, decisivamente, impele a modificação da atuação junto à assunção dos afazeres e à articulação tácita dos sentidos, confrontando o ser-aí, pela primei-

---

12 A expressão decadência, em Ser e tempo, representa a imersão automatizada do ser-aí em seu mundo cotidiano, quem, absorvendo a lida diária e incessante dos afazeres, atua conforme o horizonte herdado lhe dita. Agindo e atuando segundo a constituição articulada dos campos prévios de sentidos de maneira inautêntica, o Dasein jamais, em sua existência, deixa de ser ele mesmo por tal razão, pois a decadência se trata apenas de uma das formas de constituição de ser no mundo. Portanto, não significa a denominação uma queda a partir de estado mais original e puro da existência do homem.

ra vez, com sua condição negativa ontologicamente indeterminada. Angustiado, ao atentar para a sua nadidade e finitude, o ser-aí retrai o vínculo anterior de absorção de sentidos fundados na decadência do mundo circundante, em virtude da supressão daquilo que ele sempre acostumou a ter em vista. Desse modo, um primeiro estremeamento de ser sobreleva a atenção respectivamente à indeterminação ontológica originária do ser-aí, como ente desprovido que é de qualquer natureza, forçando-o a reconhecer sua “estrangeiridade” de ser-no-mundo, diferentemente do que acontece em relação aos demais entes em geral.

Contudo, a disposição privilegiada da angústia também induz à necessidade de assumir a responsabilidade de ser, pela tonalidade do cuidado. Cuidar de si, em todo contexto da obra *Ser e tempo*, indica semelhantemente outra disposição fundamental, em vista de sua particular conexão com a temporalidade das ekstases. Conforme leciona Marco Casanova, o ser-aí, em suma, cuida de si necessariamente a partir de uma temporalização de suas possibilidades de ser no tempo finito de ser cada uma dessas possibilidades e o mundo no qual essas possibilidades se dão; e isso exatamente na medida em que se lança antecipativamente para o porvir, retornando ao seu sido, para poder ser a possibilidade finita que ele é no instante presente. (2019, p. 151).

Em diálogo com a marca existencial da filosofia em Heidegger, o pensamento oriental, cuja influência determinou diversas partes de obras desse autor, exprime modos de encontro com o caráter mais decisivo de abertura junto as possibilidades de ser. Nesse sentido o pensamento meditativo, caracterizado pela serenidade de permitir que as coisas mesmas falem por si, independentemente de uma expectativa calculada e esperada, torna equívoca a revelação da experimentação fundada no cálculo, maquiagem e técnica da tradição metafísica ocidental. Sem objetificar as coisas, mas sim, permitindo o aguardar do aceno divino que em tudo habita, o indivíduo pode se elevar meditativamente a parâmetros de conhecimento para além do metafísico:

O que parece propor o caminho de pensamento de Heidegger, sobre o qual se vê indicações preciosas no encontro com o pensamento japonês e nas formulações sobre a Serenidade (*Gelassenheit*), é o desafio de uma nova religiosidade na existência. Uma religiosidade que possa nos conectar ao fluxo do inesperado, àquilo que não se pode prever e calcular, e por meio da qual se possa aprender a aguardar pelo inesperado.

(...) é a possibilidade de pressentir essa passagem que faz se reconectar com algo esquecido, um espaço vazio, impreenchível, silencioso, que concede a força de uma relação simples com as coisas. Essa possibilidade de uma outra religiosidade e de um outro pensamento funda-se no aguardar. (ALVES, 2018, p. 134).

Por essa ideia de conexão existencial com a espera, o debate que diz respeito ao terreno do pensamento reflexivo e meditativo oriental produz importantes transformações quanto aos aspectos originários da própria filosofia tradicional, na qual nos encontramos inarredavelmente mergulhados. Diante disso, o diálogo hermenêutico total permite envolver a constante percepção das marcas, não apenas metodológicas, lógicas e científicas de nosso agir filosófico atual. Muito contrariamente, a transformação da própria realidade e elevação do estado de ignorância da alma para o conhecimento, semelhantemente, induzem ao esforço direcionado para o autoconhecimento espiritual, cuja morada habita na consciência da humanidade.

Mediante as reflexões de Sri Aurobindo, apreendemos que nossa existência, imersa no automatismo cotidiano, guarda origem na Ignorância, tornando nossa individualidade e modos de ser meras aparências na atmosfera do mundo circundante, tal como se separados fôssemos do âmbito total da consciência, que nos forma como humanidade:

O mundo vive em nós, pensa em nós, forma a si próprio em nós; mas nós imaginamos que somos nós quem vivemos, pensamos, tornamo-nos separados por nós mesmos e para nós mesmos. Como somos ignorantes de nosso si sem tempo, superconsciente, subliminal e subconsciente, também somos ignorantes de nosso si universal. Apenas isso nos poupa: que nossa ignorância é uma ignorância que está plena de impulso e se esforça irresistivelmente, eternamente, pela verdadeira lei de seu ser, em direção à realização de auto-posse e auto-conhecimento. (Apud PRICE, 1982, p. 33).

Aliás, Sri Aurobindo explana que no campo existencial a revelação do Espírito como entidade suprema conduz não apenas à tradução da verdade, mas também a uma transformação radical e integral da Natureza. Por meio de longo processo de elevação e involução, acontece o refinamento espiritualizado do coração e mente livre das limitações instrumentalizadas desta, deixando de ser puramente individual. A revelação da verdade do ser de cada ente e a busca acerca da originalidade dos significados sobre os fenômenos, de conseguinte, transcendem a simples tentativa tradicional

objetificadora das ciências, mas remete para a experimentação da própria existência:

“para a alma, o ser permanente em nós produz e usa a mente, a vida e o corpo como seus instrumentos, passa pelo envolvimento de suas condições, mas é diferente e maior do que seus membros.” (AUROBINDO, 2005, p. 925).

Mas, o que exatamente essas determinações existenciais do Dasein apontam, no horizonte de uma prospecção propriamente dita do momento contemporâneo, no instante, qual seja, da pandemia do coronavírus? Como se estrutura o tempo para a interpretação temporal do homem na cotidianidade? É possível falar de uma memória do passado, diante da qual possamos extrair alguma prospecção de possibilidades concretas? Em que medida a multiplicidade de caminhos, permeados pelo homem diretamente afetado por tudo o que tem acontecido, pode contribuir para uma evolução espiritual ou existencial?

Objetivando trazer alguma elucidação para estas questões, buscaremos, até o final deste ensaio, respondê-las, perpassando por reflexões inadiavelmente fundamentais sobre os efeitos ocasionados na temporalidade do horizonte atual da pandemia, principalmente no concernente às possibilidades e modos de ser na contemporaneidade, segundo a perspectiva temporal das memórias do futuro.

Inicialmente, chamamos atenção para o fato de a temporalidade, no campo da estrutura ontológico-existencial, diferenciar-se dos limites do tempo cronológico, formado no seio histórico da tradição. Como ser lançado na abertura de seu aí, o homem temporaliza-se, em modos de ser, num horizonte de descerramento em seu mundo não cronometrado historiograficamente. Ao inverso disso, a dinâmica da temporalização na historicidade fenomenológica converte a nadidade originária da experiência singular do ser-aí, em abertura no mundo fático, do seu aí:

A interpretação temporal da cotidianidade e da historicidade prende suficientemente a visão do tempo originário e o faz de tal maneira que o descobre como condição de possibilidade e necessidade da experiência cotidiana do tempo.

(...) Contar com o tempo é constitutivo do ser-no-mundo. Contando com seu tempo, o descobrir da circunvisão nas ocupações deixa vir ao encontro no tempo o manual e o ser simplesmente dado descobertos. (HEIDEGGER, 2020, p. 417-418).

Na realidade, o simples cálculo do tempo jamais viabiliza a temporalidade existencial do ser-aí, pois a modulação do cuidado (Sorge) reúne numa totalidade unitária as estruturas da existência. Assim, independentemente de uma noção preestabelecida de tempo, os modos existenciais preparam a temporalidade do ser-aí.<sup>13</sup> A decisão antecipadora da morte, a exemplo disso, proporciona o descerramento do aí mais próprio, e robustece o caráter finito da existência a partir da mortalidade, mediante uma antecipação do cuidado-tempo assumido pelo ser-aí ao erigir a situação radicalmente finita de ser no instante presente de determinada ocupação. Isto é, sendo para o fim, o ser-aí assume, na sua finitude de ser, a possibilidade radical da existência, confrontando-se com seu poder-ser mais próprio.

Nesse linde, a abertura antecipada do poder-ser, que o ser-aí constitui, descerra-se, à proporção que este chega do seu porvir, do futuro, dentro dos limites fáticos de sentido articulados num determinado contexto de mundo histórico. Não possuindo qualquer natureza originária, portanto, o homem realiza sua performance existencial; retendo os modos de ser o caráter de poder-ser que é o seu, o ser-aí do homem realiza, sendo quem ele é, no seu tempo finito de ser. (CASANOVA, 2019, p. 266).

À medida que acontece a experiência existencial, todo o sido – isto é, a relação imediata com o horizonte histórico herdado por tradição – permite ao ser-aí, conquistando seus modos de ser, trafegar significativamente por um campo de interpretação. A antecipação desta, em meio à ocupação, por sua vez, sempre o requisita, a fim de permitir ao ser-aí realizar seu poder-ser, assumindo a si mesmo como fundamento de suas ações.

Explicitadas essas premissas fenomenológico-existenciais de uma ontologia fundamental do ser-no-mundo, reputa-se viável, enfim, adentrar mais detalhadamente na explanação do horizonte do presente em que nos colocamos, o qual se vê essencial-

---

13 Ao explicar sobre a projeção compreensiva do cuidado, Robson Reis, por exemplo, retoma a noção de interpretação da temporalidade, a qual não pode partir irrefletidamente de uma noção previamente estabelecida de tempo: “Especialmente no caso do ser-humano, pretender que o seu ser possua uma estrutura temporal não é afirmar que o ser-humano ocorre no tempo, como um possível elemento de uma série temporal (seja qual for). Tampouco significa afirmar que a existência humana é um fluxo temporal. A estrutura temporal do ser-humano, a partir da qual compreende-se (sic) a projeção do seu ser como cuidado, representa a unidade de modos temporais.” (2005, p. 107).

mente determinado pelos aspectos e implicações da pandemia do coronavírus.

O campo existencial da pandemia e a retomada temporal

Antes mesmo de imergir nas discussões pertinentes ao campo existencial do homem em virtude ao cenário pandêmico da covid-19, fundamental apreender de maneira sucinta o contexto do isolamento enfrentado numa perspectiva ampla, ou assim por dizer, mundial.

Sob a atmosfera de segregação do homem, por exemplo, podemos asseverar que o isolamento aparece como medida de prevenção geral de saúde, objetivando evitar, em suma, a transmissão do vírus de uma pessoa infectada para outras. Em diversos países, as medidas coletivas de restrição consistiram no

“(...) fechamento de escolas e de locais de vendas de produtos e de serviços não essenciais até o lockdown completo, com interdição de vias de acesso.” (OLIVEIRA; MATOS; SIQUEIRA, 2020, p. 78).

A finalidade da execução de tal política reside evidentemente na tentativa de promover o achatamento da curva dos casos detectados, buscando evitar o colapso dos serviços de saúde, e resguardar ainda os grupos de indivíduos sujeitos a maior risco de contágio, em razão de condições específicas de saúde, idade, etc.

Percorrendo exatamente o terreno de possibilidades existenciais do homem em vista do isolamento social, meio que espontaneamente, surgem diversos questionamentos inescapáveis em relação às consequências dessa espécie de separação social bem como os modos de lidar no panorama do mundo contemporâneo. Quem são as pessoas mais atingidas em razão do isolamento? Quem são aqueles que realmente se veem impossibilitados economicamente de realizá-lo na prática? No panorama decorrente do isolamento social, o campo gerencial da economia de um determinado país pode deter um peso maior de prioridades, em detrimento da administração pública da saúde? O isolamento enseja, no presente, quais tipos de experiência que se devem levar em conta para o futuro? Quais memórias do nosso passado constituem elementos decisivos na consideração das possibilidades de ser e escolhas para o porvir?

De início, uma constatação manifesta que aparece no cenário temporal da pandemia diz respeito ao papel bem mais intenso verificado no uso contínuo e recorrente das redes. De fato, a importância do aparato tecnológico da internet trouxe consigo a possibilidade de diminuição do sofrimento iminente carregado pelo abatimento em

razão das restrições de circulação de pessoas, lazer coletivo e contatos presenciais. Em Portugal, por exemplo, procedeu-se a um estudo sobre a forma como as redes sociais online suprimiram boa parte da vida cotidiana no convívio coletivo de idosos portugueses em tempo de confinamento e de maior solidão. No estudo, depreendeu-se que, para esse grupo específico da população, as redes sociais online, e, em concreto, o Facebook, atenderam às necessidades de entretenimento, relacionamento e comunicação:

(...) no que se refere ao uso das redes sociais online, para a maioria dos entrevistados a inclusão digital foi sentida como um benefício e uma experiência muito positiva na sua vida, tal como o conhecimento das suas vantagens em período de pandemia, nomeadamente, pelas situações vividas atualmente que desencadearam um rol de emoções, na maioria associadas a sentimentos de solidão, saudade, alegrias e tristezas, e onde estas redes foram um apoio crucial. (LAPA; REIS, 2021, p. 109).

Outra constatação relevante no contexto pandêmico recai sobre o tema do excesso de mortes – vidas desnecessariamente perdidas –, particularmente em determinados países, onde se praticaram livremente o negacionismo científico, a difusão da desinformação e má gestão acerca da vacinação em massa da respectiva população junto aos sistemas nacionais de saúde.<sup>14</sup> Mediante o cenário de capilaridade e robustez relativamente ao fluxo comunicacional das redes sociais, evidentemente, vem à tona a discussão sobre os riscos à saúde provocados pela

“(...) exploração dos recursos tecnológicos dentro do universo narrativo para alcançar audiências gerais ou delimitadas por bolhas e a crise de confiança sofrida por instituições como a imprensa e a ciência.” (FERRARI; BOARINI, 2020, p. 40).

Isto significa dizer que o percurso de exponencial desinformação mundialmente disseminada nas redes contribuiu, de maneira extremamente ágil e precisa, para a elevação do horizonte de abalo e instabilidade política das democracias,<sup>15</sup> conflagrando

---

14 Constatações científicas revelam que no passado a postura “anticientífica” afetou a humanidade, causando prejuízos irreversíveis em calamidades pandêmicas como no caso da Gripe Espanhola, no início do século 20. “A exemplo disso, há registros históricos da ‘Liga Anti-máscara’, movimento que ocorreu há mais de 100 anos e que protestou contra as restrições da gripe espanhola na cidade de São Francisco. Como resultado, São Francisco registrou um total de 45.000 infectados e mais de 3 mil mortos, uma das taxas mais elevadas de contaminação e de letalidade nos Estados Unidos (CORRÊA, 2020).” (BARBOSA, et al. 2021, p. 85502-85503).

15 Exemplo de enfraquecimento democrático diz respeito às posições científicas e redondamente im-

a opulência de um verdadeiro vírus informacional em escala mundial, favorecendo a disseminação da covid-19.

Nesse processo pandêmico retro alimentador, confirma-se um excesso de mortes de maneira inarredavelmente evitável, acaso fossem tomadas as decisões técnicas recomendadas pelos institutos e autoridades mais renomadas saúde e proscritas opiniões e notícias falsas (fake news), sobre a efetividade científica das medidas preventivas de proteção (isolamento social e uso de máscaras, por exemplo). Outros meios de ataques à ciência, às entidades de pesquisa, à coleta e diagnóstico dos dados estatísticos disponíveis, indubitavelmente, compõem um feixe de colocações abusivas por parte das próprias autoridades oficiais, quem se omitiram explicitamente no dever jurídico internacional, o qual visa à promoção de saúde da pessoa humana e dos povos coletivamente. Exemplos de mortes em excesso podem ser simplesmente enumerados a partir de dados estatísticos atualizados, como é o caso do Peru, com 6.039 mortes por milhão de habitantes; Bulgária, 4.229; Bósnia e Herzegovina, 3.297; Hungria 3.720; Macedônia, 3.685; República Tcheca, 3161; Geórgia, 3.132; e Brasil, 2.879.<sup>16</sup> Sintomático extrair a conclusão que, da coleta quantitativa analisada, os países com os maiores índices de mortos representam justamente as nações cujas principais autoridades proferem diariamente discursos negacionistas, anti-vacina, anti-científicos, indutores de aglomerações de pessoas, etc.<sup>17</sup>

---

prudentes de governantes como Bolsonaro, Donald Trump, Boris Johnson, os quais, durante períodos decisivos da escalada viral pandêmica, poderiam ter tomado, de acordo com os alertas científicos, as medidas mais razoáveis contra a expansão descontrolada do Covid-19. “Muitas das vidas que se perderam teriam sido facilmente poupadas com os cuidados emergentes que a situação exigia. Um exemplo a seguir teria sido o da Nova Zelândia (Salvador, 2020, 5 de maio), ou de outros países que reagiram no imediato (por exemplo, Austrália, Canadá, Holanda, Dinamarca, Áustria, Islândia).” (CÁDIMA, 2021, p. 9).

16 Disponível em página de conteúdo temporário na internet: [www.infograficos.gazetadopovo.com.br/saude/ranking-do-coronavirus-por-paises-mortes-por-milhao](http://www.infograficos.gazetadopovo.com.br/saude/ranking-do-coronavirus-por-paises-mortes-por-milhao) . Acesso em 14 de dezembro de 2021.

17 Segundo o artigo publicado recentemente, “no Brasil, por exemplo, o conspiracionismo parece ter emergido nas práticas evidenciadas pelo presidente Jair Bolsonaro. Em sua cruzada negacionista contra os impactos da Covid-19, ele constantemente ataca as boas práticas aplicadas em outras nações, como o isolamento social, e insiste em outras sem bases científicas sustentáveis, sendo a mais clássica, a sua notória insistência pela utilização da Hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19 (RICARD; MEDEIROS, 2020).” (BARBOSA; et. al, 2021, p. 85503).



A responsabilidade temporal de ser em momentos críticos como o presente reconduz justamente à reflexão sobre a preocupação em assegurar, no âmbito coletivo em geral – ou seja, no terreno de relações existenciais de ser-com e os demais seres-aí. Na perspectiva desse cenário, as condições universais para a sobrevivência no porvir, tanto no que se refere ao desvelamento da verdade acerca dos fenômenos que aparecem, como também garantias materiais, financeiras, logísticas e informativas, relacionam e determinam-se a modos de infecção que facilitam a propagação incessante da doença. Por isso, asseveramos que a pandemia sobreveio como inescapável traço contemporâneo de uma crise pedagógica da humanidade. Após seu acontecimento, configurou-se primordial ao caminho existencial do ser-aí em sua existência o aprendizado sobre o

“(…) significado de fazer-ciência (Wissenschaft) e existir no modo de ser da ciência. São em tempos de crise e perigo que o ser-aí humano não pode fugir da responsabilidade de ser, isto é, da responsabilidade de pensar.” (RIBEIRO, 2021, p. 35).

De mais a mais, não se pode olvidar a relevância fundamental da vacinação para a diminuição radical da taxa de transmissão do vírus covid-19. Estudos de modelagem computacional obtiveram dados de estratégias não farmacológicas e à vacinação, principalmente, indicando que, para o plano de vacinação da H1N1 (2009-2010), o momento de início programa influencia significativamente na eficácia alcançada pela imunização. Os autores estimam que muitos casos clínicos, hospitalizações e mortes foram evitadas pela vacinação do vírus nos Estados Unidos, mostrando a realidade quanto à importância da

“(…) confiança do público nos programas de vacinação e sugerindo que programas de imunização robustos devem ser abordados em epidemias, especialmente nos estágios iniciais, aumentando seus efeitos.” (OLIVEIRA et al., 2021, p. 4).

Perfazendo a comparação estatística no que se refere ao risco de morte pela covid-19, pesquisa recente do “Projeto S”, coletou dados de uma população de 100% de pessoas adultas imunizadas pela vacina CoronaVac no município de Serrana/SP. Vinculados ao Instituto Butantan, em São Paulo, os pesquisadores do projeto obtiveram a redução de 86% dos casos de internação, constatando que, dentre os óbitos, 95% deles trata-se de mortes causadas em pessoas que não se vacinaram contra o patógeno.<sup>18</sup>

---

18 [www.butantan.gov.br/noticias/no-brasil-96-das-mortes-por-covid-19-sao-de-quem-nao-tomou-vacina--so-imunizacao-coletiva-pode-controlar-a-pandemia](http://www.butantan.gov.br/noticias/no-brasil-96-das-mortes-por-covid-19-sao-de-quem-nao-tomou-vacina--so-imunizacao-coletiva-pode-controlar-a-pandemia) . Acesso em 15 de dezembro de 2021.

Em uma palavra, ressoa pertinente concluir que a vacinação em massa da população e igualmente o combate sério e exemplar contra posturas oficiais negacionistas e temerárias à prevenção contra da covid-19 guardam relação de causalidade direta com a morte de um contingente excessivo de pessoas. De conseguinte, surge como medidas indispensáveis à tomada de decisão no porvir do campo existencial da pandemia sejam responsabilizadas, na forma da lei e de acordo com os tratados internacionais, as autoridades, agentes e pessoas que atuaram de modo deliberadamente direto e indireto, por ação ou omissão, livre e voluntariamente, provocando a conflagração do estado de coisas postas no horizonte temporal do agora.

Considerando o panorama fenomenológico para recondução histórica do nosso presente, delimitando como parâmetro o hoje, é indispensável perguntarmo-nos sobre aquilo que sobrevém de maneira mais clara e fundamental quanto aos efeitos desencadeados pela pandemia. Embora ganhe destaque a ideia de uma comunhão equânime de interesses afetados, em escala e forma mundial, havemos de concordar com o fato de que a pandemia do coronavírus trouxe maior prejuízo, particularmente em relação às pessoas que vivem em países cuja vulnerabilidade econômica se mostre de forma mais patente.

Realmente, o fenômeno compreendido mundialmente por globalização, emergente no último quarto do século XX, alavancou intensamente consigo causas já existentes de uma ampla assimetria no que diz respeito ao exercício do poder transnacional entre nações do Norte e Sul. Imposta a normatização do movimento neoliberal – capitaneado por desregulação estatal associada ao incremento do poder das agências financeiras internacionais –, advieram destruição institucional e normativa interna, privatização e desnacionalização, em grande escala, dos serviços públicos em geral, naqueles chamados países de industrialização tardia.

Com isso, fenomenologicamente, vemos que a tese da globalização engendrou seu discurso de legitimidade a partir de capas sedimentadas de sentido. Isto é, construíram-se argumentos aparentemente convincentes, ao expressar a relevância do seu programa auspicioso. Contudo, a narrativa de constituição de equilíbrio nas forças de produção, jungido às premissas da liberdade de atuação do mercado, mostraram o velamento da verdade oblíqua, onde inoculada reside a voraz desestruturação interna do Estado em desenvolvimento. Vale dizer, aquilo que normalmente designamos por

globalização engloba, infelizmente, a reiteração da descomedida ideologia que reivindica para si a narrativa de uma história contada apenas pelos países vencedores contra os vencidos.

Na verdade, a vitória é aparentemente tão absoluta que os derrotados acabam por desaparecer totalmente de cena. Por isso, é errado pensar que as novas e mais intensas interações transnacionais produzidas pelos processos de globalização eliminaram as hierarquias no sistema mundial. Sem dúvida que as têm vindo a transformar profundamente, mas isso não significa que as tenham eliminado. Pelo contrário, a prova empírica vai no sentido oposto, no sentido da intensificação das hierarquias e das desigualdades. (SANTOS, 2005, p. 56).

Em termos sumarizados, defendemos que o percurso histórico, iniciado nas décadas imediatamente anteriores ao cenário da pandemia do coronavírus, surge como elemento determinante à vulnerabilidade das camadas sociais mais desprovidas de renda, incrementando a existência do fosso atinente à desigualdade social.<sup>19</sup> Assim, o falatório do papel mínimo do Estado inverte seu argumento mais legítimo, abrindo espaço para o comportamento invulgar da sua omissão, no atinente aos interesses postos pelas grandes bolhas financeiras e a pressão exercida sobre as nações subdesenvolvidas. Repercutido na elevação da escala da desigualdade social, a prática oculta reitera seu mecanismo sórdido de apropriação, desequilibrado e sobrevalorização de recursos mercantis,

“(…) sejam eles o trabalho ou o conhecimento, a informação ou as matérias primas, o crédito ou a tecnologia.” (SANTOS, 2005, p. 60).

Mas, até que ponto tudo isso se aproxima efetivamente da fenomenologia-hermenêutica e analítica existencial de Heidegger? Como os processos de globalização e as estruturas do capitalismo manifestados nas últimas décadas podem sinalizar para as memórias de um horizonte fraterno no porvir, diante do traço de desigualdade extrema que acompanha de maneira desterradora o cenário na pandemia do coronavírus?

---

19 Empregando as expressões de Artur Chioro, uma das dimensões críticas que levou o Brasil à tragédia limite da pandemia cinge-se à “(...) desigualdade social estrutural e a inefetividade dos programas de suporte financeiro destinados às populações vulneráveis, empresas e entes subnacionais (municípios e estados), que resultou em um processo de ‘periferização’ da pandemia, acometendo e matando, desigualmente, os brasileiros mais pobres (...)” (2021, p. 176).

As respostas a estas questões somente são devidamente situadas, caso desenvolvamos, paralelamente, outro primordial aspecto da leitura fenomenológica de Heidegger, cujo ponto central gira em torno do redescoberta sobre a verdade e seu redimensionamento, tal como ela sempre foi pensada ao longo da tradição metafísica. É dizer, cabe-nos mostrar, agora, de forma sintética, como a visão heideggeriana em *Ser e tempo*, pôde reconquistar o problema da verdade pela temporalidade histórica da ontologia, desde os gregos, para, diante disso, trazeremos, na atualidade do horizonte porvindouro, as possibilidades pertinentes do sentido de ser no instante do presente.

Memórias do porvir no processo de globalização e da estrutura neoliberal e a verdade do ser

Para permitir o acontecimento apropriador mais originário da verdade, é preciso, segundo Heidegger, reconquistar radicalmente a forma de constituição do sentido de ser, no âmbito da nossa tradição, recompondo o modo como a questão da verdade foi tratada pela ciência e filosofia ocidental desde o início do pensamento grego. O esquecimento do ser, em nosso contexto antes de tudo relaciona-se com o esquecimento das determinações temporais e históricas dos entes com os quais lidamos – circunstância que evidentemente não se dá no seio de outras tradições, como é o caso da oriental. Nesta, está muito mais em questão o pensamento visto pela unidade existente entre a multiplicidade dos seres manifestados na finitude da vida terrena. A infinitude supramental, por sua vez, é aquilo que irá conformar as contradições presentes nos sentimentos, visões, ideias e vontades, por meio da manifestação existencial em cada uma das partes do todo, ditada por uma visão espiritual inata onde reside o ser.<sup>20</sup>

Decerto, o que Heidegger põe em debate não se resume à simples destruição da verdade, no sentido de propor a anulação da história. Antes, ressoa inescapável promo-

---

20 Num aspecto de “cosmovisão” junto à filosofia oriental, colocamos aqui em questão a posição do pensador Sri Aurobindo, quem elaborou a teoria da Vida Divina, mostrando a limitação da questão do ser para a mente humana, em razão de sua constituição racional e seu impulso de vida. Para o filósofo indiano, somente a natureza supramental pode assumir uma consciência de verdade. “Seu movimento é calmo, controlado, espontâneo, plástico; surge naturalmente e inevitavelmente de uma identidade harmônica da verdade que é sentida na própria substância do ser consciente, uma substância espiritual que é universal e, portanto, intimamente junto ao que é incluído em sua concepção de existência.” (2005, p. 1000-1001).

ver o diálogo com essa tradição grega, abrindo e liberando a calcificação imersa nos fundamentos impensados sobre o tempo acerca do sentido de ser:

Com certeza, porém, a confrontação mostra que, para a interpretação do ente até aqui, se perdeu a necessidade, uma vez que não se pode experimentar mais nenhuma indigência e impeli-la para a sua “verdade”, nem tampouco o modo como até mesmo a verdade de si mesma é deixada inquestionada. (HEIDEGGER, 2015, p. 184).

Haja vista a circunstância de nos movimentarmos constantemente nos campos de possibilidades sedimentados no horizonte da tradição, as esferas de sentido dos discursos perpassam intocadas com o percurso do tempo sem que se coloquem certas verdades como dúvidas ou algo como questionável. Destarte, tais campos invariavelmente irão produzir, sem qualquer inovação mais refletida, a “soterração” de sua significação originária, obstruindo possibilidades futuras. “Uma vez formulada uma questão e uma vez constituídos os caminhos predominantes de resposta a ela, tudo recai por assim dizer em um espaço de obviedade que acaba por atuar de uma forma obstrutiva.” (CASANOVA, 2017, p. 14).

Posto isso, percebermos que ciência e filosofia permaneceram afastadas do ser, mantendo-se, ao longo da história, voltadas, exclusivamente, à essência dos entes, e

(...) na tentativa de fugir ao que estava além do ente, ela procurou menosprezar tudo o que se aproximava de uma possível negação do ente investigado. Então, o cientista diz: “Pesquisado deve ser apenas o ente - e nada mais; somente o ente e além dele - nada; unicamente o ente e, além disso - nada”. Desse modo, a ciência sempre se caracterizou pelo direcionamento ao ente, mas há outra coisa que está presente neste direcionamento, é que, quando corre atrás do ente, a ciência foge do que seria para ela, o “elemento nadificante” do ente. Porém, este elemento, ele está implicado na própria busca da ciência, ele é o “nada”. (LIMA, 2008, p. 139).

Portanto, diversas sentenças e proposições inadvertidamente colocadas como obviedades, tanto no ambiente filosófico quanto no científico, refletem, com o decurso do tempo, o encurtamento do horizonte de sentido em relação à criação de novas possibilidades. Para tanto, é preciso que o homem se permita articular com os fenômenos que lhe vem ao encontro, num ato de entrega, de forma aberta, sem criar expectativas, tonificadas pela presença indelével de um fundamento último a cada experiência que se faz. Bem ao contrário, surge como necessário justamente protegermo-nos da arbitrariedade das intuições repentinas e estreiteza dos hábitos de pensar imperceptíveis,

voltando nosso olhar para “as coisas mesmas.” (GADAMER, 2016, p. 355). E na cadeia de colocação das perguntas, almeja mostrar a teoria de Heidegger uma discussão, ao que parece, sobre o contexto da abertura de possibilidades de interpretação capazes de desobstruir, desvelar, radicalmente, o discurso cotidiano e irrefletido do aí:

“(...) é este perguntar que nos abre caminho desde que, ao interrogar, se transforme (o que faz toda a verdadeira interrogação) e estabeleça um novo espaço sobre todas as coisas e em todas as coisas.” (Apud PALMER, 2015, p. 154). “Através da interrogação o ser se torna então história.” (PALMER, 2015, p. 155).

Ademais, num tempo como o nosso, caracterizado definitivamente pelo anseio do desenvolvimento da técnica mais veemente e da incessante produção maquinal, corroem-se as possibilidades de silêncio e escuta. Contudo, no horizonte existencial da pandemia, induzidos pelo isolamento social, outros caminhos foram abertos para a meditação, contemplação e imaginação, anteriormente adotados comumente no seio do mundo oriental. No instante, o entretencimento de ser aparece como inexorável possibilidade para um horizonte mais significativo no porvir existencial do homem, pela valorização do silêncio e escuta do ser de si mesmo e dos fenômenos.

Trazendo a unidade das ekstases temporais para o contexto do pensar filosófico do sentido de ser, aparece robustamente o despertar imaginativo, criativo, renovador de todo acontecimento na totalidade ou uma consciência da aparência – não precisamente como a aparência niilista sobrepujada pela superficialidade das relações temporais. Ao contrário, dispõe-se a aparência como eterno retorno, enquanto retomada das memórias do futuro no instante, na totalidade do tempo, o qual

(...) abre espaço para que se pense ao mesmo tempo uma nova autonomia e autarquia: a autarquia e autonomia da aparência como síntese no instante da totalidade do ser e do tempo. A aparência não é mais agora senão o ponto de confluência de todo o passado, todo presente e todo futuro. Dito nos termos do Zaratustra, a aparência vem à tona aqui como o ponto de instauração do portal do instante, como o desaguar da dinâmica do vir-a-ser no ponto máximo do ser. (CASANOVA, 2013, p. 239).

Nesse ponto, torna-se primordial descrever a implicação do traçado decisivo e prospectivo no porvir, em relação às dificuldades mais avassaladoras enfrentadas no cenário desolador e inexpugnável da pandemia. Sem que nos esforcemos para um pensar menos retido na mera aparência, pela reiteração de informações rotineiras e fugazes,

provavelmente não conseguiremos concluir, de maneira real, aquilo que mais propriamente vem à tona na temporalidade da pandemia, no mundo e principalmente no cenário de nosso país.

De início, a abissal desigualdade social, que marca historicamente o cenário econômico brasileiro, contribuiu predominantemente para o agravamento da atual crise em suas diversas direções, obstruindo as mobilidades para saídas que se mostram cada vez menos promissoras acerca do combate ao patógeno. A escalada da contaminação pelo vírus impõe a tomada de medidas estatais drásticas e investimentos financeiros exponenciais em relação às atividades sociais e da saúde, buscando diminuir o fosso institucional e econômico que acompanha a realidade social historicamente no país.

De um ponto de vista mundial, a disseminação globalizada do vírus por todas as nações aparece, vigorosamente, como mais um resultado das múltiplas facetas discriminatórias promovidas pelo sistema do capital, cuja proposta, invariavelmente, repousa no crescimento vertiginoso exponencial de lucros, independentemente de preocupações sobre as consequências reproduzidas nos diversos campos da existência humana e vida na Terra. Muito embora constitua tal sistema em espaço de possibilidades totalizante, múltiplo, global quanto à destruição criadora<sup>21</sup> e permita adaptações e modificações – o funcionamento do capital em última instância promove imediatamente transformações na humanidade e no meio ambiente –, seus efeitos remansam no eterno retorno do mesmo jogo opressor das fatias dominantes de investidores em detrimento maiorias, camadas sociais sempre oprimidas desprovidas de projeção para o futuro fraterno.

De qualquer modo, o movimento contrário de quebra do ciclo incessante do discurso repetitivo pode constituir espécie de resistência, cuja aparição depende exatamente de uma ruptura radical das verdades cristalizadas no cotidiano estrutural do aí responsáveis por manter no seio da comunicação uma espécie de entrega da própria capacidade de reflexão e reação:

A resistência “opera” no sentido de “reencontrar o equilíbrio” no “centro habitual

---

21 Segundo Porter e Kramer, “o capitalismo é um veículo inigualável para a satisfação das necessidades humanas, o aumento da eficiência, a criação de emprego e a geração de riqueza. Só que uma concepção estreita do capitalismo impediu que a atividade empresarial explorasse todo seu potencial para enfrentar os grandes desafios da sociedade. As oportunidades sempre estiveram aí, mas foram negligenciadas.” (2011, p. 2-3).

do ponto de vista” que surge como uma maneira de repetir a experiência de centramento uma vez perfeita. Nessa experiência, a resistência perfaz-se como um velamento: a partir do momento em que incide, a resistência situa o eu e oblitera tudo o que possa acontecer fora dos limites dessa mesma experiência de centramento. É preciso perguntar: por que “se abrir” “às noções surgidas de uma experiência outra” é tão difícil? De outro modo, por que, em princípio, não queremos nem sequer ver “uma perspectiva nova” se essa perspectiva nos for trazida de maneira descentrada? Por que, afinal, não nos permitimos nos abrir para o diferente? A hipótese de Lacan é que não aceitamos sair do centro em que nos habituamos porque essa experiência, de descentramento, implica castração. (ARAÚJO, 2012, p. 23).

Bem, mas o que tudo isso tem a ver especificamente com a questão vivenciada no instante do porvir pandêmico? Qual repercussão dos atos efetivados em um passado, relativamente próximo, que ora repõe em questão a atualidade sobre a pandemia do coronavírus, disseminada em todo mundo?

Na verdade, falar em memórias do futuro, impõe muito mais a postura da escuta e do olhar voltados para o ter sido, o passado na temporalidade do nosso instante, do agora, uma vez que, a partir daí e das repercussões do que foi, poderemos ressignificar hermeneuticamente prospecções das possibilidades do que virá (porvir). Evidentemente, levamos em conta aqui o fato de haver indeterminações e imprevistos no processo caórdico da evolução humana, trazendo-nos a conclusão que conhecer o passado não significa impreterivelmente que as portas para o desvelamento do futuro necessariamente se abram. É preciso antes de tudo uma parada radical para o silêncio e à reflexão sobre a estagnação justamente desses modos cristalizados de ser no horizonte existencial cotidiano.

Consoante verificamos pela filosofia hermenêutico-existencial de bases heideggerianas, no caso em específico da pandemia seus desafios e possibilidades invariavelmente modulam-se por uma antecipação de sentido, cuja chegada, no presente, vem obviamente do porvir, a partir do que já foi (passado). Diferentemente de desenvolver propostas, sugestões e pontos de vista, recalcados na repetição preestabelecida pela atmosfera da mediania cotidiana, na qual se coloca o cenário temporal da pandemia, convém, muito mais apropriadamente, imergir num pensar filosófico fundamental. Essa reflexão exige que promovamos, na atualização do instante, a quebra radical de



camadas estagnadas no horizonte hermenêutico da nossa tradição, através das memórias do futuro, abandonando, assim, nossa absorção junto ao automatismo discursivo sedimentado para desvelarmos a verdade quanto ao sentido mais originário das possibilidades de ser no agora.

O porvir e o ter sido redefinem a significação da atualidade no espaço despontado pelos desafios cotidianos da covid-19. Todavia, a lida estagnada do falatório apoiada pela reiteração de um discurso marcado pelo passado impensado, retêm as calcificações encrostadas do sido, como repetição do que sempre ocorreu. “Tudo o que pode vir a ser já se encontra de antemão potencialmente delimitado enquanto possibilidade sida.” (CASANOVA, 2019, p. 263). Isto é, o eternamente ontem se insere justamente no horizonte temporal da cotidianidade, tornando patente o domínio da experiência do esquecimento.

Nesse sentido, o romance *A peste*, do jornalista e filósofo Albert Camus, alternativamente permite-nos refletir densamente através da atmosfera tonificada por uma epidemia passada na cidade de Orã, na costa da Argélia. O ambiente citadino é caracterizado por contornos fixos, pelo horizonte de um eterno retorno do mesmo, sem qualquer modulação das tonalidades existenciais. Por meio de representações, sentimentos humanos e imagens, decorrentes do isolamento completo do local, o autor consegue, com precisão, conduzir o leitor para experimentar o sabor da monotonia e do aspecto geral entediante no cotidiano dos cidadãos de Orã, onde a população se divide, em razão do flagelo, entre doentes e parentes separados. Abrilhantada pela esperança do futuro sem a peste, a evolução do tempo, a cada vez, denota a sincronia intermitente do aguardo pelo porvir, expressando nada mais que a perda de toda e qualquer imersão na existência. O sentimento do amor, cuja retração à temporalidade do passado é indispensável, introduz, na obra, a reflexão que, sem ele, nenhuma retomada temporal se deixa ressurgir no presente, frente a um moto contínuo, linear e plácido:

Os nossos concidadãos tinham se adaptado, como se costuma dizer, porque não havia outro modo de proceder.

(...) Sem memória e sem esperança, instalavam-se no presente. Na verdade, tudo se tornava presente para eles. A peste, é preciso que se diga, tira a todos o poder do amor e até mesmo da amizade. Porque o amor exige um pouco de futuro e para nós só havia instantes. (2020, p. 127).

Assim, a breve expressão literária acima interpõe no pensar, a convicção que no passado são guardados momentos críticos e fundamentais desperdiçados pela humanidade. Exemplos disso são outras epidemias, pandemias, guerras mundiais vivenciadas sem que as memórias daqueles que nela sofreram, agonizaram ou experimentaram sua capacidade de destruição pudessem pavimentar futuro promissor, a partir de um recomeço que marcasse em definitivo a concretização da convivência harmônica do homem junto aos demais seres-aí. Igualmente, momentos chave como a queda do Muro de Berlim reverberam a multiplicidade de possibilidades existenciais que sobressaem a partir da crise, entre oriente e ocidente, porém sem a tomada definitiva de uma decisão, em quaisquer dessas perspectivas extremas, notadamente no que diz respeito a seguir vias alternativas que deem conta do modelo de humanidade que se deseja construir em favor de uma paz perpétua e universal. Por conseguinte, o esquecimento das direções que asseguram a própria existência na Terra evidencia, em contrapartida, a ocorrência fenômenos extremos que impelem, cada vez mais, o inadiável combate pelo homem contra as guerras, a supressão da biodiversidade e recursos naturais, aquecimento global, desastres naturais ou acontecimentos meteorológicos extremos (tsunamis, ciclones, inundações, secas, subida do nível do mar). (SANTOS, 2020, p. 31).

## *Considerações finais*

Por reconduzir fenomenologicamente o centro do desafio pandêmico para o campo compreensivo articulado com o passado, ressurge, então, o debate sobre o capitalismo, decadente e empobrecedor do ponto de vista do oferecimento de possibilidades mínimas de fruição da vida com qualidade por toda humanidade. Abdicando-se de sua função primordial de orientar, controlar e conduzir a planificação das relações econômicas, perpetradas em seu espaço territorial soberano, os entes estatais culminam por permitir a incessante reintrodução de políticas econômicas cada vez mais eficientes em atuar contra o meio ambiente, proteção social e existência humana pacífica na Terra. Malgrado essa responsabilidade seja de cada um de nós e de outros atores globais que atuam de modo relevante no contexto múltiplo das relações, cabe às instituições

políticas orientar a direção e o recomeço sempre atentos ao ter sido.

Relembrando a sutileza poética da literatura de Albert Camus, precisamente nos últimos parágrafos da obra *A Peste*, concluímos que, ao tratar de flagelos de longa duração, não basta, hoje, apenas depormos sobre a violência e injustiça perpetradas a partir da perspectiva da pandemia. Há algo para se admirar ante as possibilidades mais originárias de ser no mundo, cujo exercício é de responsabilidade de cada um. Todavia, igualmente, é tempo de conscientizarmos acerca da principal arma empregada pela infatigável disseminação flagelo, que consiste em aguardar a menor distração do homem, para sobrevir de seu descanso, e novamente ameaçar a humanidade. Velada no esquecimento, a verdade da peste desponta despertada em forma latente, nalgum instante do porvir; escondida, dormitava no impensado; mas sua permanência no tempo reintroduz a novidade de um futuro sem memória.

## Referências

ALVES, Paula Renata de Campos. Contribuições de Heidegger para a via do pensamento meditativo. *Reflexão*. Campinas/SP: jan./jun. 2018, v. 43, p. 125-135.

ARAÚJO, Fabíola Menezes. O falatório segundo Heidegger e em Lacan. *Páginas de filosofia*. V. 4, n. 2, p. 17-28, 2012.

AUROBINDO, Sri. *The life divine*. V. 21-22. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram Trust, 2005.

BARBOSA, Sarah Maria Bacurau et al. Negacionismo e Covid-19: impactos do pseudocientificismo na prática clínica e social. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 8, p. 85501-85507, 2021.

BUTANTAN, Instituto. No Brasil, 96% das mortes por Covid-19 são de quem não tomou a vacina; só imunização coletiva pode controlar a pandemia. Publicado em 12/08/21.

CÁDIMA, Francisco Rui. COVID-19 em Portugal: do “negacionismo” e da negligência ao estado de emergência. *Livros ICNOVA*: Lisboa, 2021, v.1, p. 6-29.

CAMUS, Albert. *A peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

CASANOVA, Marco Antonio. Mundo e Historicidade. Leituras Fenomenológicas de Ser e Tempo. Existência e mundaneidade. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Via Vérita, 2017.

\_\_\_\_\_. Mundo e Historicidade. Leituras Fenomenológicas de Ser e Tempo. Tempo e historicidade. v. 2. Rio de Janeiro: Ed. Via Vérita, 2019.

\_\_\_\_\_. Eternidade Frágil: ensaio de temporalidade na arte. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Via Vérita, 2013.

CHIORO, Artur. Decisões de gestão: organização da atenção hospitalar em rede na pandemia de COVID-19. In: SANTOS, Alethele de Oliveira e LOPES, Luciana Tolêdo (Org.). Planejamento e Gestão v. 2. Brasília: Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2021, p. 174-199.

COCARO RIBEIRO, João Francisco. Dasein und Sorge: noções heideggerianas sobre a existência em tempos de pandemia. Revista Ilustração. Santo Ângelo/RS: 2021, v. 2, n. 1, p. 29-36

FERRARI, Pollyana; BOARINI, Margareth. A desinformação é o parasita do século XXI. Organicom. São Paulo: set./dez., 2020, ano 17, n. 34, p. 37-47.

GADAMER, Hans-Georg. A universalidade do problema hermenêutico. In: GRODIN, Jean (Org.). O pensamento de Gadamer. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Paulus, 2012.

GRONDIN, Jean. Hermenêutica. Tradução de Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante. 10. ed., 7. reimp. Petrópolis: Vozes, 2020; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

\_\_\_\_\_. Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador. Tradução de Marco Antônio Casanova. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2015.

HESPANHA, Pedro. Mal-estar e risco social num mundo globalizado: novos problemas e novos desafios para a teoria social. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). A globalização e as ciências naturais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p.161-196.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY: Coronavírus Resource Center. Disponível em: [www.coronavirus.jhu.edu/region/brazil](http://www.coronavirus.jhu.edu/region/brazil) . Acesso em 22 de dez. de 2021.

LAPA, Tiago da Silva; REIS, Célia. Seniores portugueses em confinamento: os

contributos das redes sociais online no combate ao isolamento social e à solidão. *Observatorio (OBS\*) Journal*. Lisboa: 2021, p. 96-104.

OLIVEIRA, Maria Santini de; MATOS, Aline da Rocha; SIQUEIRA, Marilda Mendonça. Conhecendo o Sars-CoV-2 e a Covid-19. In: BUSS, Paulo Marchiori; FONSECA, Luiz Eduardo (Org.). *Diplomacia da Saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho*. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro: 2020, p. 69-82.

OLIVEIRA, Rafael Sachetto, et al. nota técnica 06: vacinação, novas variantes e relaxamento das restrições durante a pandemia de covid-19. Anvisa. PGMC/UFJF e PPG-CC/UFSJ: Brasília, 2021.

PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2015.

PORTER, Michael E.; MARK R. Kramer. Criação de valor compartilhado. *Harvard Business Review*. V. 89, n. 1/2, p. 62-77, 2011.

REIS, Róbson Ramos dos. *Heidegger: origem e finitude do tempo*. Dois pontos. Curitiba: ago. 2005, v. 1, n. 1, p. 99-126.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. 1. ed. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

\_\_\_\_\_. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *A globalização e as ciências naturais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 25-102.

